



Colecção Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema

AURORA

de F.W.Murnau

Filme Concerto

Projecção do filme com apresentação da composição sonora original composta por Luís Pedro Madeira (Belle Chase Hotel) e interpretada ao vivo pela orquestra Láudano (Coimbra).

/16 Janeiro 2010. sábado. 21h30

/Teatro Virgínia >12 anos | c.1h45 | 5€

/Co-apresentação

Teatro Virgínia | Cineclube de Torres Novas

Uma obra-prima absoluta - um filme para ver e rever, sempre com o deslumbramento do cinema em estado nascente.

João Lopes

/Apresentação

Aurora, de F.W.Murnau

O Cineclube de Torres Novas inicia aqui as comemorações dos seus 50 anos de existência e é com orgulho que se associa ao Teatro Virgínia nesta celebração.

Propomos-vos uma sessão com aquele que é hoje considerado "um dos mais belos filmes de toda a história do cinema". *AURORA* é o primeiro filme dirigido na América pelo realizador alemão F. W. Murnau e tem a receita simples mas excelente do que é o cinema: uma história eterna, de grande poder emocional, contada com extrema sobriedade e sem os frequentes excessos do cinema mudo, emoldurada em belas imagens de exímia qualidade fotográfica.

Mais de oitenta anos depois do aparecimento deste filme, há a oportunidade de o rever, musicado por uma orquestra de músicos excelentes o que irá permitir uma viagem no tempo que nos levará a uma sessão de cinema em 1927.

/O Filme e as Criticas

Sunrise, EUA, 1927, 90' / Realização: Friedrich-Wilhelm Murnau / Argumento: Carl Mayer, extraído do romance "A Viagem a Tilsit" de Hermann Sudermann / Montagem: Carl Mayer / Cenários: Rochus Gliese / Assistentes: Edgar G. Ulmer e Alfred Metscher para os cenários e acessórios / Fotografia: Charles Rosher e Karl Struss / Interpretação: George O'Brien (o homem - Ansass), Janet Gaynor (a mulher - Indre), Bodil Rosing (a criada), Margaret Livingston (a Vamp), J. Farrel MacDonald (o fotografo), Ralph Sipperly (o cabeleireiro), Jane Winton (a manicura), Arthur Houseman (o homem atrevido), Eddie Bolan (o homem simpático), Gina Corrado, Barry Norton e Sally Eilers.

"A arte de F. W. Murnau (1888-1931) é um território imenso ao qual é possível regressar sempre, num misto de deslumbramento e surpresa. Daí que importe lembrar o mais simples: «Aurora» (1927), é muito mais do que o regresso de uma curiosidade "antiga", porventura para ser olhada como objecto de um kitsch mais ou menos datado. Nada disso: estamos perante um título chave da história de todo o cinema, um desses filmes de génio que, no período mudo, ajudaram a consolidar o cinema como linguagem específica e, ao mesmo tempo, através da sua viagem pelas mais subtis emoções humanas, impuseram o género melodramático.

História de um casal — Janet Gaynor / George O'Brien — cujo amor vai ser posto à prova pela emergência de um terceiro elemento (a "mulher da cidade" interpretada por Margaret Livingston), *Aurora* pode ser visto (ou revisto) como um caso modelar através do qual o cinema integrava e, sobretudo, superava a herança de duas artes: o teatro e a pintura. Murnau faz triunfar um sentido de narrativa que correspondia à singularíssima afirmação da linguagem cinematográfica. Quase oitenta anos depois, a beleza permanece."

João Lopes, in www.cinema2000.pt

"O fim do cinema mudo, em 1927-28, viu surgirem uma série de obras em Hollywood (e não só) que parecem resumir e celebrar todas as formas do seu processo criativo e toda a arte que nascera no começo do século. Mas talvez nenhuma mereça ser chamada o seu «canto de cisne» como *Aurora*, que é também uma prodigiosa simbiose entre o cinema expressionista alemão do seu realizador Friedrich Wilhelm Murnau (o autor de *Nosferatu* e *Fausto*) e a função pictórica e lírica do cinema americano, em particular o de David Wark Griffith.

F. Murnau era considerado o maior realizador de cinema alemão, ao lado de Fritz Lang. Entusiasmado com o seu filme *O Último dos Homens*, William Fox, que presidia à Fox Films, contratou-o para Hollywood, dando-lhe total liberdade para fazer o filme que quisesse e como

quisesse, facto invulgar para o tempo, quando os estúdios se consolidavam e impunham a sua ditadura sobre a produção.

F. Murnau escolheu um romance alemão, *Die Reise Nach Tilsit*, de Hermann Sudermann (que em 1938 seria levado de novo ao cinema, na Alemanha, por Veit Harlan), adaptado pelo seu argumentista habitual, Carl Mayer, que transportou para a história a atmosfera onírica e fatalista dos filmes alemães. É a história de um casal provinciano cujo casamento entra em crise com a aparição de uma mulher da cidade por quem o marido se apaixona e pela qual planeia matar a mulher. É também a história da superação da crise e da reconciliação e da tragédia que enfrentam no regresso (na mais expressionista sequência do filme: a tempestade e o naufrágio).

O que fica dito só dá um breve lampejo do que conta (e como conta) este filme único na história do cinema, com a sua atmosfera dramática e também onírica (a deslumbrante sequência do passeio pela cidade e a feira de diversões, onde a câmara parece dançar, em movimentos e numa montagem que superam o que F. Murnau fizera em *O Último dos Homens*). Ou o «milagre», que só o é para os que sabem ver o filme, que marca a reconciliação do casal e que se concretiza na cena em que os dois assistem a um casamento, onde parecem retomar os seus votos. Cena «milagrosa» a cujo sentido e função só Rossellini chegaria quase 30 anos depois noutra reconciliação famosa: a do casal (Ingrid Bergman-George Sanders) de *Viagem em Itália*.

Para conseguir esta beleza formal, F. Murnau precisava de controlar até ao mínimo pormenor a criação dessa atmosfera. Para isso fez construir um gigantesco cenário, tanto para o «campo» como para a «cidade», que foi dos mais caros feitos em Hollywood (e que a Fox utilizaria ainda para outros filmes, como a obra-prima de John Ford *Os Quatro Filhos*). Todo o filme foi realizado neste cenário, o que permitiu a Murnau orientar alguns dos mais sugestivos e elaborados movimentos de câmara de toda a história do cinema.

Como aconteceria mais tarde a Orson Welles, a liberalidade do produtor só durou o tempo de um filme, dado o relativo insucesso de bilheteira (que resultou mais da aparição do cinema sonoro). Os filmes seguintes foram já controlados (e mesmo remontados), e F. Murnau só voltou a reencontrar a liberdade criativa no seu último filme, *Tabu*, feito em 1931.

Manuel Cintra Ferreira, in ACTUAL Expresso, 15 Out'05

/Luís Pedro Madeira e a Orquestra Láudano

Luís Pedro Madeira, nasceu em Coimbra a 24 de Julho de 1970. É músico e compositor dos Belle Chase Hotel; foi membro dos Wray Gunn, onde foi músico e co-produtor do álbum "Soul Jam"; foi membro e compositor dos Azembla's Quartet, participando nas bandas sonoras originais dos filmes "Respirar debaixo de água" e "Esquece tudo o que te disse".

Coordenou em 2001 o grupo "5ª Punkada" formado por jovens da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral – Núcleo da Região Centro e recentemente colaborou na feitura de arranjos para um espectáculo conjunto entre esse grupo e a Orquestra de Câmara de Coimbra.

Colaborou como músico com o grupo "Encerrado para Obras" no espectáculo "Chansons d'Hier et de Demain", feito a partir de canções de Boris Vian, George Brassens e Serge Gainsbourg e na gravação do tema infantil e didáctico "Uma Família às Avestas" feito para o programa de divulgação cultural do Museu Machado de Castro.

Compôs e interpretou música original para acompanhamento de filmes mudos portugueses do início do século XX integrado no festival "Animatógrafo de Coimbra" integrado na Coimbra - Capital da Cultura, em 2003.

Orquestra Láudano

Luís Pedro Madeira: Composição original, Piano, Órgão, Sintetizadores, Acordeão e Guitarra

Luís Formiga: Bateria e Percussões

Luís Oliveira: Contrabaixo

Luís Rodrigues: Trombone

Jorge Campos: Clarinete, Clarinete Baixo e Saxofone

Daniel Tapadinhas: Fliscorne e Trompete

/O Cineclube de Torres Novas

Cineclube de Torres Novas
... e já passaram 50 anos!

O Cineclube de Torres Novas comemora em 2010 os seus 50 anos de existência e é com indistigável orgulho que assinalamos esta efeméride.

A história do Cineclube é essencialmente uma história de resistência cultural.

Quando os fundadores tomaram a iniciativa de criar o Cineclube sabiam que estavam a agitar as águas da cultura em Torres Novas. De lá para cá, ao longo destes anos, o Cineclube tem sabido interpretar esse desejo original e desempenhou sempre o seu papel de intervenção cultural. Focado na actividade cinematográfica, cedo porém soubemos abrir as fronteiras da nossa actividade a outras áreas fazendo do nosso Cineclube uma referência local, regional e até nacional.

A fotografia e a literatura, a poesia e a música, a pintura e a escultura, a dança, o desporto e muitas outras actividades passaram pela nossa velhinha sede da Rua Artur Gonçalves. Mas o Cineclube não se limitou à sua casa. Bem cedo a sua actividade cultural se expandiu para outros espaços e outras áreas.

Orgulhosamente constituído como associação popular, o Cineclube esteve sempre na primeira linha da dinamização da cooperação entre as colectividades populares. Estivemos no primeiro e no segundo Movimento Inter Colectividades e mais recentemente participámos na fundação e consequente expansão da União de Colectividades e Associações de Torres Novas (UCATN).

Também na Federação Portuguesa de Cineclubes temos uma intervenção vincada que nos permite neste momento presidir à sua Direcção, além de presidirmos também à Mesa da Assembleia Geral e de pertencermos ao Conselho Fiscal.

Colaboramos também de forma regular com algumas autarquias do nosso Distrito e com as escolas do nosso concelho.

No que respeita ao cinema, este Cineclube há largos anos que tomou a sua opção: formar públicos, divulgar cinematografias alternativas e de autor e apoiar a produção cinematográfica. Projectámos muito cinema na nossa sede, mas também andámos e continuamos a andar com a tela e a "máquina às costas" para projectarmos cinema. Quantas crianças, hoje adultas, não viram o seu primeiro filme graças à projecção de cinema pelo Cineclube? Também na área da produção cinematográfica cedo apresentámos trabalho, seja em 16mm, super 8, em vídeo ou em formatos mais recentes. O Cineclube de Torres Novas também passou pelo "antigo" Cine-Teatro Virgínia. Durante largos anos com o apoio do Montepio de N^a S^a da Nazaré, então proprietário do Teatro, tivemos as portas do Teatro Virgínia abertas.

Hoje a nossa actividade de projecção cinematográfica voltou desde 2006, ao Teatro Virgínia. Renovado e com excelentes condições, o Teatro Virgínia tem apoiado a nossa actividade e todas as quartas-feiras mantemos projecções regulares em que a excelência da nossa programação é constatada pelas diversas faixas de público que regularmente assiste às nossas sessões.

Temos um prestígio fundado no trabalho de 50 anos de muitos homens e muitas mulheres. Temos sabido rejuvenescer e por isso passou tanta gente por aqui! Este tempo, afinal, passou a correr e foi tanto o trabalho, que nem demos pela passagem dos anos.

Mas não nos refugiamos na obra feita. Motiva-nos poder continuar a lutar pela elevação da cultura em Torres Novas. Queremos continuar a mostrar e a fazer cinema. Queremos divulgar novos valores e novas formas de expressão artística. Continuamos disponíveis para todos aqueles que necessitem do Cineclube de Torres Novas.

Continuamos aqui. No nosso lugar e enquanto houver um filme, um poema ou o mais simples pensamento livre, contem com o Cineclube para o divulgarmos.

Este será um ano cheio de comemorações, no Cineclube de Torres Novas

Co-apresentação do espectáculo:



Co-Financiamento:

